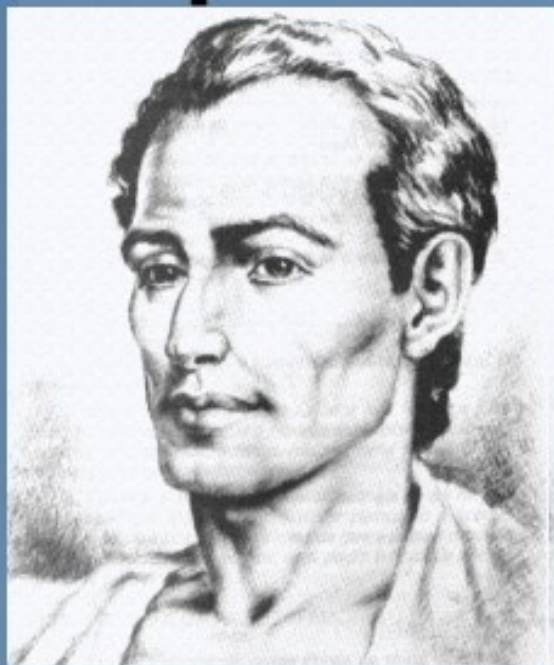


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO XLV – Esquecimento e reencarnação

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLV)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLV

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo XLV – Esquecimento e reencarnação	O Consolador	04
Complementos		
Justificativas do esquecimento do passado	O Consolador	06
Esquecimento global	O Consolador	09
O sentido do perdão	O Consolador	12

Esquecimento e reencarnação

Reunião pública 22/06/1959

Questão 392

Examinando o esquecimento temporário do pretérito, no campo físico, importa considerar cada existência por estágio de serviço em que a alma readquire, no mundo, o aprendizado que lhe compete.

Surgindo semelhante período, entre o berço que lhe configura o início e o túmulo que lhe demarca a cessação, é justo aceitar-lhe o caráter accidental, não obstante se lhe reconheça a vinculação à vida eterna.

É forçoso, então, ponderar o impositivo de recurso e aproveitamento, tanto quanto, nas aplicações da força elétrica, é preciso atender ao problema de carga e condução.

Encetando uma nova existência corpórea, para determinado efeito, a criatura recebe, desse modo, implementos cerebrais completamente novos, no domínio das energias físicas, e, para que se lhe adormeça a memória, funciona a hipnose natural como recurso básico, de vez que, em muitas ocasiões, dorme em pesada letargia, muito tempo antes, de acolher-se ao abrigo materno. Na melhor das hipóteses, quando desfruta grande atividade mental nas esferas superiores, só é compelida ao sono, relativamente profundo, enquanto perdure a vida fetal. Em ambos os casos, há prostração psíquica nos primeiros sete anos de tenra instrumentação fisiológica dos encarnados, tempo em que se lhes reaviva a experiência terrestre.

Temos, assim, mais ou menos três mil dias de sono induzido ou hipnose terapêutica, a estabelecerem enormes alterações nos veículos de exteriorização do Espírito, as quais, acrescidas às consequências dos fenômenos naturais de restringimento do corpo espiritual, no refúgio uterino, motivam o entorpecimento das recordações do passado, para que se alivie a mente na direção de novas conquistas. E, como todo esse tempo é ocupado em prover-se a criança de novos conceitos e pensamentos acerca de si própria, é compreensível que toda criatura sobrenade na adolescência, como alguém que fosse longamente hipnotizado para fins edificantes, acordando, gradativamente, na situação transformada em que a vida lhe propõe a continuidade do serviço devido à regeneração ou à evolução clara e simples.

E isso, na essência, é o que verdadeiramente acontece, porque, pouco a pouco, o Espírito reencarnado retoma a herança de si mesmo, na estrutura psicológica do destino, reavendo o patrimônio das realizações e das dívidas que acumulou, a se lhe regravarem no ser, em forma de tendências inatas, e reencontrando as pessoas e as circunstâncias, as simpatias e as aversões, as vantagens e as dificuldades, com as quais se ache afinizado ou comprometido.

Transfigurou-se, então, a ribalta, mas a peça continua.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLV)

A moldura social ou doméstica, muitas vezes, é diferente, mas, no quadro do trabalho e da luta, a consciência é a mesma, com a obrigação de aprimorar-se, ante a bênção de Deus, para a luz da imortalidade.

Justificativas do esquecimento do passado

Nossas tendências instintivas são uma reminiscência do passado

1. O esquecimento do passado, que é considerado a mais séria objeção oposta à lei de reencarnação, dá ensejo aos seus antagonistas de proporem indagações como estas:

·Se o homem viveu antes, por que não se lembra de suas existências anteriores?

·Se não se lembra das existências passadas, como pode aproveitar a experiência adquirida nelas?

·Se não recorda o que fez ou o que aprendeu no passado, cada existência não seria para ele qual se fosse à primeira? Não estaria ele, desse modo, sempre a recomençar?

2. Allan Kardec dá-nos em “O Livro dos Espíritos”, em linguagem clara e concludente, uma explicação lógica e uma resposta convincente às referidas indagações.

3. Não temos durante a existência corpórea, reconhece Kardec, lembrança exata do que fomos e do que fizemos nas anteriores existências, mas possuímos disso a intuição, sendo as nossas tendências instintivas uma reminiscência do passado.

Não fossem a nossa consciência e a vontade que experimentamos de não reincidir nas faltas já cometidas, seria difícil resistir a tais pendores.

4. A aptidão para essa ou aquela profissão, a maior ou menor facilidade nessa ou naquela disciplina, as inclinações interiores – eis elementos que não teriam justificativa se não existisse a reencarnação.

Com efeito, se a alma fosse realmente criada junto com o corpo da criança, as pessoas deveriam revelar igual talento e idênticas predileções, mas não é isso que vemos.

Os que têm filhos sabem muito bem quão diferentes eles são, conquanto criados no mesmo ambiente e recebendo os mesmos estímulos.

O esquecimento do passado atesta a bondade do Criador

5. No esquecimento das existências anteriores, sobretudo quando foram amarguradas, há efetivamente algo de providencial e que atesta a bondade e a sabedoria do Criador.

Tal como se dá com os sentenciados a longas penas, todos nós desejamos apagar da memória os delitos cometidos e felizes ficamos quando a sociedade não os conhece ou os relega ao esquecimento.

6. A razão desse desejo é fácil de explicar. Frequentemente – ensina o Espiritismo – renascemos no mesmo meio em que já vivemos e estabelecemos de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes tenhamos feito.

Se reconhecêssemos nelas criaturas a quem odiamos, talvez o ódio despertasse outra vez em nosso íntimo, e ainda que tal não ocorresse sentir-nos íamos humilhados na presença daquelas a quem houvéssemos prejudicado ou ofendido.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLV)

7. É preciso ter em conta ainda um outro dado: o esquecimento do passado ocorre apenas durante a existência corpórea. Voltando à vida espiritual, mesmo que não recobremos de imediato a lembrança das existências passadas, adquirimos informações suficientes que nos situem perante as pessoas do nosso círculo.

Não existe, portanto, esquecimento, mas tão-somente uma interrupção temporária das nossas recordações.

Livres da reminiscência de um passado certamente importuno, podemos viver com mais liberdade, como se déssemos início a uma nova história.

8. Suponhamos ainda que, em nossas relações, em nossa família mesma, se encontre um indivíduo que nos deu, outrora, motivos reais de queixa, que talvez nos tenha arruinado ou desonrado, e que, arrependido, reencarnou-se em nosso meio, a fim de reparar suas faltas. Se nós e ele lembrássemos as peripécias do passado, ficaríamos na mais embaraçosa posição, que em nada contribuiria para a renovação das atitudes.

9. Basta essa ordem de raciocínios para entendermos que a reminiscência das existências anteriores perturbaria as relações sociais e constituiria um tropeço real à marcha do progresso.

Há razões de ordem científica que explicam o esquecimento do passado

10. Léon Denis e Gabriel Delanne dão-nos as razões de ordem científica pelas quais as lembranças do passado não podem ocorrer ao se dar a nova encarnação do Espírito.

11. Segundo Denis, em consequência da diminuição do seu estado vibratório, o Espírito, cada vez que toma posse de um corpo novo, de um cérebro virgem, acha-se na impossibilidade de exprimir as recordações acumuladas em suas vidas precedentes.

12. Delanne esclarece que o perispírito toma, ao encarnar, um movimento vibratório bastante fraco para que o mínimo de intensidade necessário à renovação de suas lembranças possa ser atingido.

13. Podemos, pois, concluir em poucas linhas:

·O esquecimento do passado e, por conseguinte, das faltas cometidas não lhes atenua as consequências.

·O conhecimento delas seria, porém, um fardo insuportável e uma causa de desânimo para muitas pessoas.

·Se a recordação do passado fosse geral, isso concorreria para a perpetuação dos ressentimentos e dos ódios.

·A existência terrestre é, algumas vezes, difícil de suportar, e o seria ainda mais se, ao cortejo dos nossos males atuais, acrescentássemos a memória dos sofrimentos e dos equívocos passados.

Thiago Bernardes, Justificativas do esquecimento do passado.

– O Consolador – Nº 83 – 23/11/2008

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLV

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 392 a 394.).

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (capítulo V, item 11.).

Kardec Allan, O que é o Espiritismo, (pp. 114, 116 e 117.).

Gabriel Delanne, A Reencarnação, (págs. 305 e 306.).

Gabriel Delanne, A Evolução Anímica, (pág. 175.).

Léon Denis, Depois da Morte, (págs. 145 e 146.).

Léon Denis, O Problema do Ser, do Destino e da Dor, (pág. 182.).

Esquecimento global

A opinião é unânime: o clima na Terra mudou devido ao aquecimento global do planeta. No entanto, outro fenômeno, tão ou mais preocupante, ocorre: o esquecimento (dos valores ético-morais) global na Terra, que ameaça a vida em sociedade. Qual o contributo do Espiritismo para estas situações?

Como se já não bastasse a problemática do aquecimento global do planeta e a destruição dos ecossistemas por parte do ser humano, na sua ânsia irracional de “ter” cada vez mais, numa vida que rapidamente se dilui no tempo, vai ocorrendo na sociedade mundial outro fenômeno interligado: o **esquecimento global** dos valores ético-morais.

Nestes últimos dias, em Portugal, dois governantes foram demitidos por terem mentido, apresentando-se como licenciados, quando não possuíam nenhum título académico. Do ponto de vista ético-moral é uma situação tão grave que, num país civilizado, seria um terremoto político, com demissões em massa.

O mesmo já ocorreu noutros tempos, com outros partidos e outras figuras políticas.

Não nos move nenhuma atitude de simpatia ou antipatia política.

Objetivamos analisar apenas as atitudes dos seres humanos.

Vivemos momentos graves, onde o que outrora era nobreza de carácter hoje é estar ultrapassado, o que era roubo hoje é oportunidade, o que era mentira hoje é ponto de vista, o que era dignidade hoje é fraqueza de espírito, o civismo é hoje trocado pela má-educação.

Vemos os professores serem maltratados pelos educadores, ao invés de os apoiarem, para educarem os seus educandos.

Quando o exemplo vem de cima, do Estado, com leis obscuras, com roubos sucessivos e desvios de dinheiro privado e público por parte de entidades bancárias, com múltiplas fraudes dos agentes políticos e económicos tornadas públicas, sem qualquer consequência social, o povo tende a seguir o mau “exemplo” de quem os governa.

Como educar as crianças nas escolas e falar-lhes de virtude, em educação cívica, quando o Ministro da Educação de Portugal, tendo conhecimento de um Chefe de Gabinete ter mentido e não possuir nenhum título académico, mesmo assim, manteve-o no cargo, sendo conivente, até ao momento em que um jornal, “Observador. pt” desmascarou o caso?

Há quem diga que o mundo não tem saída, não tem cura...

Na ótica da Doutrina Espírita (ou Espiritismo), uma filosofia de vida que não é mais uma religião nem mais uma seita, existe, sim, solução.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLV)

A solução passa pela reencarnação de Espíritos mais honestos e sérios, que vêm reencarnando desde o fim do século XX, na opinião de muitos benfeitores espirituais que vêm comunicando através de médiuns de todo o mundo.

Mas, mesmo ocorrendo esse fenômeno da mudança parcial dos atores sociais, cumpre-nos, a nós que estamos hoje no palco da Vida, fazer a nossa parte.

Cumpe-nos ser cidadãos ativos no bem
de todos, sem desperdiçar recursos
que pertencem à comunidade.

O mal só viceja pela ausência de atitude assertiva por parte dos bons.

Se nos cumpre ser tolerantes, compreensivos com tudo e com todos, cumpre-nos igualmente dar o exemplo de honestidade, recusar mordomias ou ser beneficiados em detrimento de outrem.

Cumpe-nos vivenciar que o ser humano não vale pelo que “tem”, mas, sim, pelo que é como pessoa.

Cumpe-nos valorizar a honestidade, a autenticidade, ao invés, de currículos peçados de títulos, muitas vezes, sabe-se lá a troco de quê...

Cumpe-nos valorizar a solidariedade ao invés da competição.

Cumpe-nos pagar ordenados justos aos empregados, mesmo que acima do estipulado em Lei.

Cumpe-nos dar o nosso melhor, na condição de trabalhador, em prol do bem comum.

Cumpe-nos ser cidadãos ativos no bem de todos, sem desperdiçar recursos que pertencem à comunidade.

Dos espíritas espera-se a árdua tarefa de divulgarem a imortalidade do Espírito e a reencarnação, baseadas em fatos científicos, levando as pessoas a descobrir que são seres imortais, e que as suas atitudes e sentimentos serão o único patrimônio que levarão para o mundo espiritual, após o decesso do corpo físico.

Desse patrimônio advirá o bem-estar, a paz, a felicidade ou a dor (de acordo com o nosso íntimo), até que surja nova oportunidade de reencarnar na Terra, em nova experiência evolutiva, intelectual e moral.

Aos espíritas cumpre alertar para o “**Esquecimento Global**” dos conceitos ético-morais que vigem na sociedade, não só falando, escrevendo, mas, acima de tudo, exemplificando.

Aos espíritas cumpre mostrar que vale a pena Amar, ser honesto, autêntico, ter paz de espírito, ao invés, de ter os cofres cheios de tesouros que a traça da corrupção rapidamente

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XLV

consome, deixando no íntimo do seu autor, focos de “infecção espiritual”, a diluírem-se dolorosamente, em futuro próximo, no mundo espiritual e/ou em futuras reencarnações.

Se Jesus de Nazaré nos deixou o precioso ensinamento para não fazermos ao próximo o que não desejamos para nós, o Espiritismo vem apontar o caminho da caridade como o único que nos eleva espiritualmente, dentro da assertiva de que “Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sem cessar, tal é a Lei”.

José Lucas, Esquecimento global – O Consolador – Nº 495 – 11/12/2016.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo.

O sentido do perdão

Quem perdoa não é o suposto ofendido, mas aquele que ama e ajuda o outro na busca do sentido, mesmo que tenha sido prejudicado pelo culpado.

Perdoar vem do latim per + dorare que significa dar plenamente. O dar plenamente possibilita àquele que recebe tentar outra vez e ter a oportunidade de poder tomar outra atitude. Portanto, para perdoar é necessário amar. Quem perdoa não é o suposto ofendido, mas aquele que ama e ajuda o outro na busca do sentido, mesmo que tenha sido prejudicado pelo culpado.

O perdão é um ato no qual o ofendido livra o ofensor, liberta-o da culpa. Este é o sentido pelo qual Deus “esquece” quando perdoa. Não que a memória de Deus seja fraca. “O perdão do Senhor é sempre transformação do mal no bem com a renovação de nossas oportunidades de luta e resgate, no grande caminho da vida. A Divina Tolerância não constitui subversão da ordem no campo da Justiça.”

Perdoar não é desculpar, desculpar significa tirar a culpa e só é possível tirar a culpa de quem não a tem e foi injustamente acusado. Quando se tem culpa, nem Deus desculpa, Ele perdoa. O perdão é necessário para a cura espiritual da relação, mas precisamos preparar nossos corações para perdoar. Precisamos aceitar a injustiça do ferimento, a deslealdade da ofensa, e ficarmos prontos para perdoar. Ninguém ofende ninguém. Somos nós “quem nos ofendemos” com a atitude dos outros.

O perdão reduz a agitação que leva a problemas físicos. Perdoar reduz o estresse que vem de pensar em algo doloroso, mas que não pode ser mudado. Ele também limita a ruminação que leva a sentimento de impotência, que reduz a capacidade de alguém cuidar de si mesmo. “Para a convenção do mundo, diz Emmanuel, o perdão significa renunciar à vingança, sem que o ofendido precise olvidar plenamente a falta do seu irmão; entretanto, para o Espírito evangelizado, perdão e esquecimento devem caminhar juntos, embora prevaleça para todos os instantes da existência a necessidade de oração e de vigilância. Aliás, a própria lei da reencarnação nos ensina que só o esquecimento do passado pode preparar a alvorada da redenção.”

“O perdão é o esquecimento completo e absoluto das ofensas, vem do coração, é sincero, generoso, e não fere o amor-próprio do ofensor. Não impõe condições humilhantes, tampouco é motivado por orgulho ou ostentação. O verdadeiro perdão se reconhece pelos atos e não pelas palavras.” - Emmanuel.

Maria Ângela Miranda, O sentido do perdão – O Consolador – Nº 379 – 07/09/2014.